A BATALHA

PORTA-VOZ DA C.G.T. (*Confederação Geral do Trabalho*) PORTUGUÊSA

NUMERO ESPECIAL ✻✻✻✻✻ DEZEMBRO DE 1944

ACUSAMOS-TE.

"SERAFICO" PANTOMINEIRO DA NEUTRALIDADE!

Aqui te vamos julgar, réu de mil crimes.

Não tremas, cobarde, e escuta! Sabemos porque tremes, como já tremem o poltrão Mussolini e o fanfarronante Hitler; tremes porque sentes a onda abalando a jangada em que embarcaste na triste aventura de um fascismo universalisado que apagasse para sempre a veleidade da libertação. Mas superior a ti e aos Ati as que te avantajam pelo arrojo de se exporem que tu nunca conheceste, e à sombra de quem te acolheste coberto com a túnica de Cristo, **ha o poder indestrutivel da Liberdade,** ha as fôrças vitais da Humanidade que reagem sempre contra as coacções que queiram subjugá-las privando-as das suas faculdades ingénitas.

Ouve! Vamos aqui acusar-te, julgar-te quando ainda és *trunfo* da politica fascista e magaréfe do *Tarrafal*, de *Timor*, de *Angra* e das cadeias do país.

Hoje mesmo ouvirás o relato dos teus crimes, humanicida imperdoavel, para que, quando tu e os teus cúmplices tenham a sorte do Ciano, de Di Bono, do chefe da policia fascista de Roma e dos assassinos de Matteotti, não demore o julgar-te.

Ficarás já julgado. A Historia terá de exigir apenas a tua expiação.

A reconstrução do mundo, antes empobrecido, aviltado e degradado pela vossa Politica de morte, e depois posto em ruínas fumegantes, varridas pelo vento dos ódios e imersas em sangue humano, é obra urgente e tão grande que não dá tempo aos povos para inquirir-vos, julgar-vos e condenar-vos.

Falâmos no plural porque és réu e cùmplice dos réus em causa perante o tribunal da História dos nossos dias. — Escusas, miseravel refugo humano, de disfarçar-te com a capa de santidade com que te cobres, de dissimular-te em campião da paz e hábil estadista da neutralidade para que te julguem teres livrado o nosso povo do horror da guerra. De nada servem as tuas blandicias de prostituta, oferecendo beijos impúdicos aos que te parece vencerem, para salvares a nau pirata dos bandoleiros da *União Nacional;* de nada servem as tuas habilidades de *Proteu.*

Está aberta a audiência!

Vai ser lido o libelo acusatório contra o réu Antonio de Oliveira Salazar, que é acusado de assassinio voluntario com premeditação e sucessão de crimes na pessoa de um povo inteiro, de cúmplice no morticinio mundial da guerra, de falsario, e de roubo e dano.

Acusamos-te, Salazar!

Ha labios de crianças que te anatematizam porque fôste o assassino de seus pais; ha mães que te odeiam derramando lágrimas pelos filhos que lhes roubaste; ha mulheres que te maldizem porque lhes roubaste os companheiros. Ha um santo ódio colectivo que te abomina, vilupério humano, flagelo dum povo.

Lá longe, nos confins da Oceania, tombaram para sempre desgraçados que sepultaste no *Inferno de Timor.*

Quanta dôr, quanta tragédia nos porões do *Pero de Alenquer*, no *Atauro* e pelo interior da ilha! E finamente, **qual a sorte dos desgraçados que durante 14 anos sofreram tôdas as inclemencias e tôdas as barbaridades, após a conquista da ilha pelos teus cúmplices orientais do «Eixo»?**

Calaste o ultrage ao territorio nacional por cumplicidade e por julgares que se pode apagar assim o crime das tuas deportações.

(*Segue na 4.ª pagina*)

NA BRECHA

Êste suplemento de **«A Batalha»**, *marcando o recrudescimento da actividade revolucionaria do movimento operario português, vinca a posição indefectivel e intransigentemente demolidora assumida e mantida, sempre, contra o regime salazarista, pela nossa organisação confederal.*

A substituír o nosso «Boletim Confederal» passaremos a dar, em lêtra de fôrma, periodicamente, noticia pública das nossas actividades, nunca interrompidas e jamais superadas.

Sigamos na brecha, na barricada, na luta ininterrupta que iniciámos ha 17 anos, contra a Ditadura!

De pé — contra o fascismo!
Contra Salazar!
Contra a «Legião»!
Contra a «União Nacional»!
— Pela Liberdade!

UNIDADE

Dois são os principais factores que teem tornado resistente e duradoura a tirania que pesa sobre as massas trabalhadoras : a sua ignorancia *e* embrutecimento *e a sua* divisão *que, mesmo entre as camadas mais conscientes, ajudam explendidamente a burguesia-capitalista na obra de desarticulação do seu movimento libertador.*

Para o embrutecimento, *aliados à ancestralidade das mais diversas taras, dispõem os inimigos do proletariado de dois meios :* a taberna *e* a igreja.

Para a divisão *servem-se duma multiplicidade de engenhosos ardis. A miséria a que os trabalhadores se vêem reduzidos é, claro está, a génese da eficácia de todos êles.*

*Os elementos provocadores que, espalhados pelo meio da massa lançam o desânimo ou semeiam a desconfiança entre os proprios camaradas, agem pelo dinheiro que num trabalho honesto e humanisado não conseguiriam. Mas o grande meio, o que a maiores desvios tem conduzido o operariado, ten sido, seguramente, os «*partidos politicos*», cuja organisação e desenvolvimento a burguesia-capitalista «*carinhosamente*» tem patrocinado* — embora sempre ocultamente, já se vê.

*Com rótulos mais ou menos «*rubros*» e atraentes* (hontem Progressistas, Regeneradores, liberais, republicanos, etc. hoje radicais, democratas ou «socialistas») todos dizem ter nascido para fazer a felicidade do povo.

E o povo, em grande parte, nêles tem confiado, dilatando assim a servidão ignobil em que vem vivendo. Aparte as boas intenções de alguns elementos que inicialmente teriam entrado nêsses partidos, tudo o mais não passou nunca de pura farsa para enganar os trabalhadores.

Nos países em que a tirania capitalista atingiu a sua fase mais aguda (o que se convencionou chamar «*nazismo*» ou «*fascismo*») os partidos mais ultimamente esquerdistas, agrupando grandes massas operarias, teem cooperado activamente com os trabalhadores de tôdas as tendencias na luta contra a opressão.

Essa unidade *de combate — que de modo algum significa* identidade *ideologica — poderia ser seguida por nós na luta contra o salazarismo.

Bem sabemos quão pouco animador é o exemplo oferecido pela sangria que nos nossos camaradas grêgos tem sido feita pelos seus *amigos* da vespera.

Mas êsse novo **crime** dos «*social-demo-liberais*» não é uma novidade. Já sabemos que a *unidade* que pretendem só seria efectiva na medida em que lhes sirva os apetites. Mas tambem não ignoramos que *o cântaro das suas ambições despóticas tanta vez vai a fonte das reivindicações dos trabalhadores, que um dia por lá fica escaqueirado*...

Façamos, pois, a *unidade* para lutar contra o fascismo que agora nos sufoca — mas dispostos a lutar *contra todos os fascismos* com que queiram agrilhoar nos, mesmo que êles sejam forjados pelos tais ...«*amigos dos diabos*»...

A "DEMOCRACIA" DE MR. CHURCHILL

OU O „CASTIZO" GALO DE MORON...

Ha na provincia de Sevilha uma pequena vila denominada Moron, que em tôda a Andaluzia é frequentemente recordada por uma proverbial locução muito empregada para designar os que, por muito enfatuados, se tornam ridiculos.

Trata-se do famoso «*galo de Moron, que por muito cacarejar, ficou depenado*».

Lá está, no centro duma «*plazoleta*» da simpática vila, materialisada na pedra pelo cinzel do artista, a ironia mordaz dos «chistosos» andaluzes, — pitoresco monumento à vaidade jactanciosa.

A fria Inglaterra tem, como a ardente Andaluzia, um «*galo de Moron*» : o sr. Churchill.

Como o seu *confrade* de Moron, o «premier» britânico não se cansa de cacarejar *liberdades* e *Democracia* para tôdas as raças e latitudes do orbe; Mas como o outro, vai perdendo a plumagem brilhante e colorida dum prestigio que todo o seu oiro de milionario não logrará recompor.

O Presidente do Conselho inglês, à sombra dos serviços que a sua energica actividade prestou à Nação nos dias dificeis da iminência de invasão, pretende pagar-se exigindo que o país se submeta aos seus despoticos caprichos. Utilisa as tropas inglêsas de libertação anti-fascista...para impor nos países «*libertados*» um «neo-fascismo» que sirva os interêsses imperialistas da plutocracia britânica.

E no parlamento defende-se dos *cautelosos* ataques dos colegas...cacarejando «*Democracia*»...

Quando o ataque é um pouco mais cerrado e certeiro, bate o pésinho, numa birra da segunda infância e cacareja então *(tal como o «nosso» Salazar tambem já fez)* «ou aceitam o que fiz e continuarei fazendo, ou vou-me embora!» — E o'hando aos serviços prestados...o sr. Churchill, tal como o «*outro*», continúa, e vai deitando pela borda fóra os creditos da «bonacheirona» Democracia inglêsa...

Em França, Petain, feito Marechal em galardão de serviços prestados, serviu-se, como agora o sr. Churchill, do prestigio ganho no passado para trair a propria Nação que o premiára.

O tradicional «*bom-senso*» inglês terá que apear o seu idolo quanto antes não vá o Diabo fazê-lo *Marechal da Democracia — o que seria sinónimo de assassino da liberdade dos povos.*

Porque isto de «*Democracia*» cacarejada e «*defendida*» por milionarios, é como se encarregassemos os carteiristas de guardar e defender — as nossas carteiras...

E se o *galo de Moron ficou depenado de tanto cacarejar*, o «*galo*» de «Down Street», por mais que cacareje, já não consegue que os povos lhe admirem a emplumada retorica sobre a «*Democracia*», porque o «*pobre*», como o de Andaluzia, já está a ser *depenado* pelo bom-senso dos que começam a conhecê-lo *de gingeira*...

(Conclusão da 4.ª pagina)

Arripiou-te a destruïção de Guernica, o flagelo de Madrid e as trágicas noites do Alcazar de Sevilha?

Nada disso confrangeu a tua alma de Shylock; a vitória de Franco era o pranchão do nazismo lançado sobre o Atlantico e o Mediterraneo, era a mordaça traiçoeira lançada à França, e era isso mesmo que tu desejavas.

À guerra de Espanha sucedeu a guerra mundial. Ficaste neutral porque isso convinha às potencias fascistas, servindo Portugal de entreposto maritimo da Alemanha e de Italia, e tu como agente de compras e de espionagem.

Caiu a França, outros povos caíram igualmente numa luta heroica, e tu, «seráfico» malandrete, declaràste-te neutral, mas fornecias tudo ás potencias do «Eixo», até o volframio indispensavel ás indústrias de guerra nazis.

Nas horas em que as armas do nazismo amordaçavam e destruíam as liberdades dos povos, aplaudias a politica totalitaria do «Eixo», esvasiavas o país dos seus recursos alimentares e continuavas a impedir tôda a manifestação de pensamento que sempre te aborreceu.

Eras *neutral*, mas por conveniencia do «Eixo» e da tua politica de *trampolim*. Assim garantias uma entrada de abastecimentos para a Alemanha, que doutro modo dêles ficaria privada.

Fizeste sempre êsse jôgo, mas o curso dos acontecimentos acabou por descobrir todos os teus processos.

Se não entràmos na guerra, é preciso ficar esclarecido, foi porque isso conveio á politica de ambos os beligerantes — e nunca pela tua obra que sempre nos comprometeu com o fascismo.

Se não querias a guerra, monstro saurio, porque a provocaste, ajudando a Alemanha e a Italia fascistas a estabelecer em Espanha uma situação que provocaria inevitavelmente a catastrofe?

Se querias a paz, em contradição levaste a guerra a um país visinho que tinha decidido os seus destinos a seu contento, e com o qual deviamos estabelecer a maior colaboração e amizade!

E as nossas fronteiras fecharam-se porque aciraste o ódio entre os dois povos.

Se querias a paz, porque ajudaste a Alemanha e à Italia na sua politica de agressão?

Depois das responsabilidades que contraíste com o heroico povo checoslovaco, rompendo as relações diplomaticas por inspiração alemã, como as que assumiste no assassinio do povo espanhol, na malsinaçãa do povo russo, e dos cânticos que entoaste em louvôr do *«dinamismo totalitario»*, considerando fracassados os povos que não aceitavam a gargalheira do terror, depois que consentes que as *bêstas esfoladas* da *«Legião»* e da tua imprensa insultem povos e homens adversos ao fascismo, **como se apresentará o povo português perante as outras nações no dia da paz o da reconstrução do mundo?**

Comprometeste a nossa dignidade colectiva; és réu de ultrage e de burla à confiança dos que confiaram em ti.

És um burlão!

Escuta ainda, porque a lista dos teus crimes é imensa!

Que destino reservaste aos operarios que se rebelaram porque querem o pão a que teem direito pelo seu trabalho vilipendiado?

Em nôme de que direito privas do trabalho, e por consequencia do pão, os chefes de familia e os seus que tiveram a nobreza de erguer a voz para ti e reclamar o pão que tu lhes tens roubado?

Quem és tu, que divindade é a tua que não consente o protesto e castiga como um Jeová iracundo?

Em nôme de que Evangelho, sátrapa untuoso e reles, dispões da vida, do pão e da liberdade dos que trabalham, dos seus filhos inocentes, das suas familias sacrificadas?

E és tu cristão, fariseu de boa marca!

Bates no peito, refinado maroto! Todos os dias o teu confessor te absolve para que *«em santidade»* **possas cometer tôdas as vilanías.**

És o exemplo perfeito dessa religião da hipocrisia!

És réu comprovado de mil crimes!

Pelos teus crimes mereces a morte, mas em nome da Humanidade e do Direito condenamos-te a ouvires em silencio *o choro e as imprecações das mães e das viuvas das tuas vítimas mortas ou sepultas nos cárceres e nos desterros, a afrontares o olhar inocente das crianças que te olham como o carrasco de seus pais, e a enxugar tôdas as lágrimas que fizeste correr durante o teu reinado de Nero.*

* * *

PRESOS E DEPORTADOS

Insistamos em que «o govêrno de Salazar mantem um regime de puro arbitrio individual, á margem de tôdas as disposições legais dos seus códigos, dos seus decretos, dos seus regulamentos, etc., milhares de individuos presos e deportados, em Peniche, nos Aljubes de Lisboa e do Porto, nas Esquadras, nas Penitenciarias de Lisboa e de Coimbra, e na Guiné, em Moçambique e em Timor, — presos e deportados a quem é preciso libertar imediatamente.»

Entre essas vitimas do salazarismo, ha individuos que são simples presos preventivos — ha 17 anos!! Outros, julgados e condenados, terminaram as suas penas ha 6, 5 e 3 anos!!...

Quando é que o proletariado se decidirá a levantar-se e a pôr termo a ésta situação, a éste regime de dominio absolutista, a ésta farsa, a êsse ignominioso sistéma de Govêrno ultra-fascista?

(Continuação da 1.ª pagina)

Julgaste que depois a sorte dos deportados se confundiria com a sorte dos colonos, e tudo se reduziria a uma *calamidade colectiva* de que tu serias o primeiro a carpir lamentações.

— Alto, assassino e traidor! **Tu «botaste discurso contra a intervenção inglesa em Timor, mas calaste a agressão e as turbulencias japonêsas.** Preferiste êsse jôgo porque eras cúmplice, e o incêndio podia apagar os vestigios do teu crime.

Escuta, assassino! Ouve: *Nem o ruído do Oceano imenso apaga o clamor das imprecações dolorosas que, nas plagas inóspitas do Tarrafal, da Guiné e de Timor, soltam as tuas vítimas — nêsses cemitérios de vivos e de mortos, dantêsca criação do teu ódio aos espiritos livres, aos que não servem a camarilha clerical de que és rafeiro e servo: essa instituição extra-humana que procura dominar o mundo e as consciencias no interêsse da seita.*

Já a terra consumiu os que mandaste fusilar após teres afogado em sangue as revoltas do «7 de Fevereiro» e do «26 de Agôsto», mas não os esqueceram os nossos corações. **Os mortos falam e acusam-te!** Ha os órfãos, as viuvas e as mães em luto que esperam a justiça que ha-de ser feita um dia...

Massacraste o povo com impostos, para falares de *«superavits»*, e puseste o teu *«groom»*, o Ferro, a assoprar nas tubas da imprensa mercenária a *maravilha* da tua obra financeira, obra sarrafaçal de sovina torpe e untuoso.

E onde aplicaste tanto dinheiro arrancado à miséria dum povo, aos que trabalham e produzem riquêsa?

Com essas extorsões recompensaste a canalha parasitária do clero que voltou a sugar as energias do povo; fundaste uma agência de compra de consciencias, criando lugares chorudos e lugares de servidão para outros, para quantos aceitassem a coleira da *Legião* e da *União Nacional*. Muito, foi-se na voragem do *saco sem fundo* da P.V.D.E., e até nas sinecuras e nos desbarato das Obras Publicas, mas para iludires por escárnio, como a Maria Botas que vendia gato por lebre, compraste uns torpedeiros e uns aviões para recreio duns «cabides de farda», arranjaste as estradas que tôda a gente vê, derretêste milhares de contos na *féerie* da Exposição do Mundo Português, e com tudo isto julgaste que convencêste a Nação de que contigo às-cavaleiras era muito grande: um Imperio colossal...

Hoje, que a guerra poz à prova a armadura economica e os recursos do país, constata-se a nossa pelintrice e a nossa decadência forjada por ti e pelos teus acólitos, a vacuidade das tuas *construções politicas*.

Ha fome e miséria, conseqüências da tua obra de prestidigitador.

Para fazeres tudo isso arruínaste tôda a gente; só a *«flôr do mal da plutocracia»*, instalada no Terreiro do Paço e no Banco de Portugal, só essa impa, aplaude-te e aguenta-te.

Quiseste ludibriar os trabalhadores prometendo-lhes um céu, e destruiste-lhes as suas organisações sindicais, aniquilaste os seus melhores valores militantes e depois, uma a uma, arrancaste tôdas as regalias operárias.

Reduziste para 50 % o pagamento das horas extraordinarias; os salarios decaíram, o nivel economico e moral do operariado inferiorisou-se, e então, lançaste o imposto de 2 % para o chamado «Desemprêgo», o imposto braçal, as cotisações duma previdência e dum «abono de familia» que ninguem vê e ninguem recebe. — Com as centenas de milhares de contos do «Desemprêgo» ani haste os vadios da aristocracia pelintra e os falhados das Universidades e dos Liceus, e concertaste as sacristias para que o beatério e os seus mentores, à hora em que os outros trabalham, forniquem ou devassem e deshonrem a consciencia de cada um.

É a obra dum falsario, dum ladrão de casaca, que rouba fazendo a lei que lhe consinta o roubo.

Ajoelha-te, assassino, e escuta ainda!

Deste guarida à horda assassina das liberdades do povo espanhol e alojaste e protegeste a sua conspiração. Aqui, com a tua cumplicidade e ajuda, se preparou a guerra de Espanha que engendrou aquela que está flagelando o mundo.

Foste tu que apunhalaste pelas costas êsse povo que havia tido a nobreza de se libertar e que sosinho lutou então pela liberdade da Europa.

Badajoz, Mérida, a Extremadura e a Galiza sentiram bem como a tua navalha assassina mergulhou no sangue dos seus filhos.

Canalha refêce! Desmentiste a nossa lealdade, a nossa hospitalidade, as sagradas leis que protegem em tôda a parte os emigrados e em especial os politicos!

Entregaste aos assassinos da «Falange» mulheres, homens e creanças que procuravam no nosso país a tranqüilidade e a vida.

Depois financiaste a emprêsa. Por aqui passou armamento, víveres, tudo o que as flageladoras hordas do «Caudilho» precisavam para a sua guerra de extermínio.

Então, «seráfico» pantomineiro da neutralidade, declaraste estentoriamente a tua solidariedade com Franco e mandaste mercenarios portuguêses para as suas hostes, **e não fôste neutral.**

Contudo tinhas a consciencia de que o conflito espanhol concluiria pela guerra mundial.

Como apareces agora paladino da neutralidade e da Paz, quando ajudaste a forjar as armas e a preparar as causas do conflito?

Se querias a Paz e desejavas sinceramente livrar o nosso povo da guerra, porque, então, nos comprometêste mais renegando as nossas tradições cavalheirescas e humanas, arregimentando hordas e declarando-te interessado na guerra de Espanha?

Foste sempre um hipocrita calculista e perverso! — Então **não eras neutral**, *porque te abrigaste com o insolente bandoleirismo fascista e nazi, que tornara a falsidade e o terror a lei normal entre os homens, à sombra do que procuraste impor na Península o poder clerical. Sentias-te impune, não é verdade?*

(Conclui na 3.ª pagina)